

CULTURA RIBEIRINHA E EDUCAÇÃO NO ALTO PURUS
Adelmar Santos de Araújo, Glacy Queirós de Roure
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo compreender as expressões culturais dos ribeirinhos do Alto Purus e de que maneira essa população enfrenta as mudanças ocorridas no âmbito econômico, social, político, religioso ao longo do processo histórico aqui delimitado, de meados do século XX aos dias atuais. A imbricação entre os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais, ou seja, o seu jogo de interferências no cotidiano ribeirinho passa pelo crivo de conhecer o processo histórico e social do modo de vida ribeirinha do Alto Purus. Para tanto, neste estudo em específico, é prudente evidenciar a criação do município de Santa Rosa do Purus.

Métodos, procedimentos e materiais

O esboço de um quadro histórico que apresente aspectos sociais, políticos, religiosos e econômicos da região, enfim, que demonstre a trajetória e a herança cultural das populações ribeirinhas altopuruenses, do período em estudo, nos leva a questionar o que de fato constitui a cultura ribeirinha no Alto Purus e como os ribeirinhos se identificam diante das dificuldades e das lutas enfrentadas, bem como se fazem projetos de futuro (e se /como fazem; se não, por quê?). Ou será que podemos utilizar a afirmação de Thompson (2010, p. 21-22) ao estudar a cultura popular na Inglaterra do século XVIII, de que em geral “essas pessoas não planejam sua ‘carreira’, nem sua família; não vêem sua vida como uma forma definida diante de si”, para efeitos deste projeto de pesquisa? Para realização deste trabalho alguns passos serão necessários. Em primeiro lugar, far-se-á uma pesquisa bibliográfica para acompanhar o que tem sido escrito e discutido sobre a temática na/da região e que possibilidades de estudo são apresentadas. O passo seguinte consiste em recorrer à tradição oral através de entrevistas semiestruturadas, com antigos e novos moradores do Alto Purus, bem como os ex-moradores que podem ser localizados em outras partes da Amazônia. Por fim, julgamos necessária a análise de documentos escritos, imagens, fotografias, músicas, poesias, relatos acerca da região em estudo. Assim, temos como fontes principais: relatos orais, depoimentos, literatura amazônica de um modo geral, documentos oficiais e não oficiais; Atas de Sessão da Câmara de Vereadores do Município de Santa Rosa do Purus; arquivos públicos e particulares, como o do senhor José Nunes de Sena Madureira, cujo acervo documental sobre o Alto Purus é o maior do Acre; Lei 1. 028, de 28 de abril de 1992 – Estado do Acre; Fotografias antigas e novas. Também contaremos com jornais impressos antigos da qualidade de A Gazeta do Purus e de O Varadouro; e de jornais mais recentes como o Página-20, só para citar alguns. Os jornais acreanos mais antigos são encontrados na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Contudo, como escreveu Ladurie (2008, p. 18), “qualquer estudo histórico deve ou deveria começar por uma crítica das fontes”. Nossa pesquisa não transgredirá essa regra.

Resultados e discussão

Arthur Cezar Ferreira Reis, no “Intróito” do livro de Leandro Tocantins, Amazônia – natureza, homem e tempo, afirma o destino singular da Amazônia, qual seja: “oferecer ao mundo elementos de que esse mesmo mundo se vem valendo para erigir condições de bem-estar material e espiritual, sem que lhe criassem idênticas condições existenciais.” A imensa reserva de matéria prima esteve de algum modo, sujeita ao rumo da industrialização, mas os agentes responsáveis pelo trabalho direto estiveram ao longo da história da região, em sua maioria, sem condições de pensarem-se enquanto sujeitos libertadores de sua própria condição laboral e da terra habitada por eles. A literatura existente aponta para essa direção. Contudo, não precisamos nos agarrar aos determinismos e leituras extremadas, que vão do paraíso perdido ao inferno verde. A obra, O rio comanda a vida, de Leandro Tocantins inicia nossa compreensão. Quanto ao Alto Purus, em particular, podemos dizer que a assertiva não foge à regra, sem, contudo, defender generalizações. Nessa perspectiva, se faz necessário recuar cerca de um século para entender o processo histórico, aqui delimitado, de meados do século XX aos dias atuais. Nesse período, a cultura ribeirinha do Alto Purus teve momentos de mudanças, ainda que lentas, e permanências relacionadas a questões econômicas, sociais e políticas externas à região. Acompanhar esse movimento passa pelo crivo de compreender os fatores de sobrevivência dos agentes no jogo relacional do processo histórico em discussão. Neste sentido, cabe esclarecer o nosso entendimento acerca de cultura. Segundo o Dicionário de conceitos históricos, de K. V. Silva e M. H. Silva (2006, p. 85-88), o conceito de cultura é um dos principais nas ciências humanas, a ponto de os antropólogos, desde o século XIX, procurarem definir os limites de sua ciência através da definição desse conceito. A Antropologia procura estudar a diversidade cultural. Mas nem todo significado de cultura decorre da Antropologia. Alfredo Bosi em Dialética da colonização, por exemplo, define cultura a partir da lingüística e da etimologia. O termo cultura, na etimologia da palavra, está intimamente ligado à natureza. Segundo Alfredo Bosi (2009, p.11), as palavras cultura, culto e colonização derivam do mesmo verbo colo, cujo particípio passado é culturus. Colo significou, na língua de Roma, eu moro, eu ocupo a terra, e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo. Um herdeiro antigo de colo é incola, o habitante; o outro é inquilinus, aquele que reside em terra alheia. Quanto a agrícola, já pertence a um segundo plano semântico vinculado à ideia de trabalho. Cultivar a terra e dela retirar o sustento da família é prática que perdura ao longo da história e que acompanha gerações e gerações de seres humanos. Mas nem todos sobrevivem ou sobreviveram diretamente do trabalho na lavoura. De qualquer maneira, “os meios culturais que usamos para transformar a natureza são eles próprios derivados dela” (EAGLETON, 2005, p.11). Derivam não apenas no que concerne à matéria, a questões objetivas e práticas ou, ao plantar e colher, mas também do projetar o que fazer com a colheita, dos sonhos nesse ínterim, do que se ouve e do que se conta. Eagleton (2005, p.10) explica que cultura denotava de início um processo completamente material, que foi depois metaforicamente transferido para questões do espírito. A palavra, assim, mapeia em seu deslocamento semântico a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana, da criação de porcos a Picasso, do lavrar o solo à divisão do átomo. Compreende-se, desse modo, a ampliação do significado de cultura que, desde a Antiguidade até os dias atuais, vem sendo aplicado nas mais diversas situações, conforme Valdenyr Caldas (1986) e José Luiz dos Santos (2007). Plantar um produto agrícola, cultivar a pesca, criar animais, jogar vídeo-game e realizar uma pesquisa, por exemplo, são atividades que podemos aplicar o termo cultura.

Conclusão e referências

Por que pesquisar acerca de um município tão longínquo como Santa Rosa do Purus e tão pequeno quanto muitos outros existentes no Brasil e bem mais próximos dos grandes centros? O que teria Santa Rosa do Purus de especial, nesse momento, para ser tomado como objeto de pesquisa? Aparentemente nada. Mas não nos enganemos com o “aparente”. Pierre Boudieu lembra que não existe tema frio ou desinteressante quando se trata de pesquisa. É a construção do objeto que vai determinar sua relevância ou não. Nessa perspectiva, observemos três fatores de ordem: pessoal, social e histórica. O primeiro fator tem a ver com a viabilidade do projeto. Conheci Santa Rosa do Purus em 1994, meus pais já moravam lá havia dois anos. No ano de 1995 trabalhei no município como professor primário e, como queria dar continuidade nos estudos, ao término do ano letivo fui embora. De lá para cá tenho ido de tempos em tempos visitar minha família e rever as amizades que fiz por lá. Essas idas ao município de Santa Rosa do Purus acabaram por despertar o interesse de pesquisar na região, o que resultou na dissertação defendida em junho de 2009 junto ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás com o título: “O Barco da Educação”: história, cotidiano e educação em Santa Rosa do Purus-AC, que publiquei como livro em 2010 pela editora Kelps, em Goiânia. Já os fatores de ordem social e histórica estão juntos. Primeiramente porque se trata de uma região isolada, cujo acesso à capital do estado só se dá via fluvial ou aérea, em avião de pequeno porte. Daí é possível imaginar a carência e as dificuldades pelas quais passa a população ribeirinha de Santa Rosa do Purus. E embora a comissão mista brasileiro-peruano que marcou os limites entre Brasil e Peru tenha deixado importantes registros sobre o Alto Purus, sobretudo sob a observação de Euclides da Cunha, esse acontecimento não repercutiu diretamente na vida dos ribeirinhos e tampouco na produção histórica da região. O passado não pode ser mudado, é verdade, mas a pesquisa histórica atenta às diversas fontes pode suscitar leituras e interpretações reveladoras. Há um conjunto de fatos sociais relacionados ao processo da emancipação de Santa Rosa do Purus. Trata-se de uma história que não se sabe precisar bem o momento em que a idéia de criação do município começou a circular entre os regionais; o certo é que um passo importante foi dado. O município de Santa Rosa do Purus foi criado pela Lei nº 1.028, de 28 de abril de 1992 e contava em 2008 com uma população estimada em 3.963 habitantes. Ao todo são 65 localidades, povoados, comunidades. Na margem direita do Purus são 29 localidades. Dessas, 22 são aldeias indígenas, 7 de brancos. Na margem esquerda são 36 localidades, sendo que 30 delas são de brancos e 6 indígenas. Em termos quantitativos o número de localidades habitadas por brancos é maior. Porém se olharmos o número de casas no interior de cada localidade podemos perceber que o número de habitações indígenas é superior ao de brancos. Na margem direita do Purus são 205 casas, das quais apenas 7 habitações são de brancos. Na margem esquerda foram contadas 120 casas, sendo 40 indígenas e 80 de brancos. Assim são totalizadas 238 moradias indígenas e 87 de brancos no trecho do Alto Purus que vai da foz do rio Chandless à sede do município de Santa Rosa do Purus. Já no trecho seguinte, de Santa Rosa do Purus à foz do rio Chambuiaco, temos na margem direita do Purus 4 localidades habitadas por brancos brasileiros totalizando 7 residências. Na margem esquerda temos o povoado peruano de Palestina, com 800 casas. As referidas localidades e habitações brasileiras representam o lócus de formação e composição populacional da Região de influência da Área 14 – Chandless (Hoje Parque Estadual do Chandless, criado pelo Decreto n. 10.670 de 2 de setembro de 2004), constituída por 3% da extensão territorial do município de Sena Madureira, 35% do município.

ARAÚJO, Ademar Santos de. “O barco da educação”: história, cotidiano e educação em Santa Rosa do Purus-AC, Goiânia: Kelps, 2010. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Casa de escola”: cultura camponesa e educação rural. Campinas-SP: Papirus, 1983a. _____. O que é educação. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983b. _____. A educação como cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. _____. Representações do trabalho entre lavradores de Mossâmedes. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, RAMALHO, José Ricardo (Orgs.). Campesinato goiano: três estudos – Coleção documentos goianos, 16. Goiânia, Editora da UFG, 1986, pp. 119 – 156. _____. O que é educação. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983b. _____. A educação como cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. _____. Memória/sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão, São Paulo: Cone Sul: UNIUB, 1998. BOSI, Alfredo. Dialética da colonização, 4ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2009. CALDAS, Waldenyr. Cultura, 4ed., São Paulo: Global, 1986. EAGLETON, Terry. A idéia de cultura, tradução: Sandra Castelo Branco, São Paulo: Editora da UNESPE, 2005. GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e a organização da cultura, tradução: Carlos Nelson Coutinho, 7 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. LADURIE, Emmanuel Le Roy. Montaillou: cátaros e católicos numa aldeia occitana 70 (1294-1324), tradução: Nuno Garcia Lopes e Pedro Bernardo, Porto: Edições, 2008. LARAIA, Roques de Barros. Cultura. Um conceito antropológico, 18 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. LUXARDO, Líbero. Purus: histórias de ontem – estórias de hoje, Belém-PA: Grafisa – Cia. Gráfica e Editora Globo, 1973. MORAIS, Raimundo. Ressuscitados (Romance do Purus), São Paulo: Companhia Melhoramentos/Rio de Janeiro: Caieiras, s/d. NUNES, Jersey de Brito. Memórias de um seringueiro, Rio Branco-Acre: Tico-Tico, 1996. PESSOA, Jadir de Moraes. Cotidiano e história: para falar de camponeses ocupantes. Goiânia: Editora da UFG, 1997b. _____. Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCG, 2005. ROJAS, Carlos Antônio Aguirre. Fernando Braudel e as ciências humanas, tradução: Jurandir Maleba, Londrina: Edel, 2003. RÜSEN, Jörn. A constituição do pensamento histórico na vida prática _____. Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica, trad. Estevão Rezende Martins, Brasília, Editora da UNB, 2001, pp.53-93. SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura, 16 ed., São Paulo: Brasiliense, 2007. SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Editora Contexto, 2006. THOMPSON, E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional, tradução: Rosaura Eichenberg, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Palavras-chave: Cultura; Ribeirinho; Alto Purus

Contato: historiaecultura2011@gmail.com

